UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

DIOVANE ALVES DOS SANTOS

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EJA E A INTERSETORIALIDADE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

PORTO ALEGRE, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

DIOVANE ALVES DOS SANTOS

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EJA E A INTERSETORIALIDADE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Trabalho de Conclusão para a obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a orientação da Profa. Dra. Aline Lemos Cunha.

PORTO ALEGRE, 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, que foram pacientes e amorosos nesta caminhada, aos meus colegas de trabalho que incentivaram a proposta aqui estudada, aos colegas professores das escolas pesquisadas, pela disponibilidade e carinho, aos alunos que mesmo sem compreender exatamente á que se referia à pesquisa, foram solícitos e atenciosos, a minha orientadora Profa. Dra. Aline Lemos Cunha, pelo seu incentivo e dedicação e por fim, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização desta pesquisa.

“As pessoas têm medo das mudanças.
Eu tenho medo que as coisas nunca mudem.”
Chico Buarque

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão a cerca das causas da evasão na Educação de Jovens e Adultos e da dificuldade dos jovens e adultos que não possuem o ensino fundamental completo de retornarem aos estudos, sinalizando uma necessidade de pensar políticas públicas em uma ação intersetorial que dê conta da diversidade destes sujeitos que compõe a EJA. A metodologia trata de uma pesquisa qualitativa, através de questionário com aqueles que compõem este campo de estudo: alunos da EJA, pessoas sem a conclusão do ensino fundamental que estão fora da escola e professores que atuam nesta etapa da educação básica. A análise dos dados percorreu um caminho metodológico quantitativo e qualitativo na busca de maior entendimento da trajetória destes sujeitos em relação a sua especificidade no que tange a educação de jovens e adultos. O resultado da pesquisa apontou para uma diversidade de causas que impedem estes indivíduos que concluírem seus estudos na EJA, o que nos remeteu a buscar ações que tenham possibilitado maior garantia de acesso e permanência deste público nos bancos escolares. Alguns exemplos de articulações de diferentes áreas no município de Canoas para garantir o sucesso na trajetória escolar de jovens e adultos na EJA fomentam a necessidade de discussões a cerca de políticas públicas para a EJA e a intersetorialidade.

Palavras-chave: EJA, acesso, permanência, evasão, intersetorialidade.

SUMÁRIO

SUMÁRIO 6
2. CENÁRIO DA EJA 9
2. INTERSETORIALIDADE DA EJA: UMA PERSPECTIVA EM REDE 11
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS: DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS A DEFINIÇÃO DO PROBLEMA 15
3.1 Jovens e adultos em processo de escolarização com baixa frequência nas aulas entrevistados por idade e sexo: 17
3.2 Jovens e Adultos com baixa escolaridade que estão fora dos bancos escolares 19
3.3 Professores entrevistados que atuam na EJA 20
4. ANALISANDO QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS 23
4.1. Alunos matriculados na EJA com baixa frequência: o desafio da permanência 23
4.2. Jovens e Adultos da comunidade com baixa escolaridade e que estão fora da escola 26
4.3. O que pensam os professores? 29
5. AÇÕES INTERSETORIAIS: UMA PERSCPECTIVA DE MUDANÇA NO CENÁRIO 32
5.1 Uma Escola no Guajuviras e a segurança pública 32
5.2 Uma turma só de mulheres: tempo e espaço de construção 34
5.3. Alfabetização de Adultos: enxergar faz a diferença. 36
CONSIDERAÇÕES FINAIS 38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 40
ANEXOS 42

1. INTRODUÇÃO

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos nos aponta um cenário de grandes desafios, em especial na garantia do acesso e permanência dos alunos desta modalidade. São muitas as causas que impedem o aluno jovem e adulto a prosseguir seus estudos, o que nos remete a refletir sobre quem são estes alunos e quais as situações que os impedem de voltar a estudar ou de continuar seus estudos. E, para além desta investigação, ainda é um grande desafio o que fazer para mudar esta realidade, que ações podem ser determinantes para dar conta deste problema?

A pesquisa realizada foi balizada inicialmente na proposta de conhecer a realidade dos alunos que estão fora da escola e daqueles que apresentam baixa freqüência e diante disto apontar ações intersetoriais realizadas no município de Canoas, na perspectiva de dar conta da garantia do acesso e permanência dos alunos da EJA.

O município de Canoas oferece turmas de Educação de Jovens e Adultos em diferentes escolas da rede municipal, no ensino noturno, onde o maior desafio é diminuir a evasão e ampliar a possibilidade de acesso. Diante disto, devido a uma política pública atual, tem realizado ações conjuntas de diferentes órgãos junto à educação, para ampliar o acesso e permanência dos alunos.

Os alunos e professores pesquisados pertencem a escolas deste município e foram selecionados através de análise de documentos da escola. As ações aqui apresentadas são frutos de contatos com a Unidade de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação, onde foram mapeadas estas ações.

Neste contexto, o presente trabalho busca fomentar as discussões acerca da intersetorialidade como política para a Educação de Jovens e Adultos tendo como

referência à evasão e acesso a esta modalidade, no qual apresentamos o cenário atual da Educação de Jovens e Adultos, uma perspectiva em rede onde discorremos sobre a intersetorialidade, a análise das pesquisas realizadas e a citação de algumas ações realizadas em escolas e espaços educativos no município de Canoas como uma alternativa de garantia do acesso, permanência e sucesso dos alunos jovens e adultos no seu processo de escolarização.

2. CENÁRIO DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos vem ao longo dos anos sendo constituída num processo de lutas e grandes discussões na busca pela consolidação de uma política de direito e não de compensação pelo tempo perdido, voltada para a garantia do acesso, permanência e sucesso dos jovens e adultos que não concluíram seus estudos. Segundo Paiva (2006, p.02), "a prática social tem (re)significado o campo de atuação da EJA, exigindo outras formulações para compreender e apreender os sentidos do direito a essa educação, no âmbito da cultura de suas populações." Esta afirmação nos leva a ampliar a discussão acerca desta garantia de acesso e permanência , não apenas como a oferta de oportunidade educacional, mas da oportunidade de consolidar o seu direito a "processos de aprendizagem pelos quais os sujeitos se produzem e se humanizam, ao longo de toda a vida." (PAIVA, 2006, p.04)

Contudo, o acesso e permanência dos alunos em turmas de EJA, configuram-se em grande problema social, tendo em vista os números que são apresentados no cenário nacional, no que tange a evasão e repetência. Segundo dados do PNAD (2007), dos oito milhões de pessoas que freqüentaram a EJA até 2006, 42,7% não chegaram a concluir seus estudos. As razões explicitadas nesta pesquisa apontam para a questão do horário incompatível com o cotidiano dos estudantes, da metodologia inadequada na abordagem dos conteúdos entre outros fatores que impedem a continuidade na sua trajetória escolar.

Os sujeitos da EJA possuem diferentes especificidades, apontando assim, para a necessidade de políticas voltadas a este público que tenham o cunho de buscar diferentes estratégias articuladas voltadas para esta grande diversidade de sujeitos que compõe a EJA. Contudo, como nos aponta Arroyo (2006, p.22), "o ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos". Para o autor, antes mesmo de pensar na "reconfiguração da EJA", precisamos conhecer os sujeitos que fazem parte deste processo. Porém, esta premissa, de alguma forma, fica à margem das discussões nas

diferentes iniciativas e programas voltados para esta modalidade nos últimos anos, configurando assim, descontinuidade de diferentes políticas nas esferas governamentais.

Entretanto, nesta perspectiva, ainda é possível perceber novas concepções acerca deste tema, quando é apontado no Documento Base Nacional (2008) como um dos desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, a intersetorialidade da EJA, ou seja, a necessidade de políticas intersetoriais que busquem a garantia do direito a educação dos sujeitos jovens e adultos. Este documento nos aponta que "um elemento fundamental no reconhecimento do valor e do significado do aspecto intersetorial da EJA é o diálogo entre órgãos de governo, responsáveis pela implementação de políticas públicas e a sociedade civil demandante dessas políticas" (Documento Base Nacional, MEC, 2008).

Este documento, através deste viés da intersetorialidade, referenda a necessidade da gestão em EJA ser articulada com outras áreas por entender a necessidade do dialogo na implementação de políticas específicas para esta modalidade.

Nesta perspectiva, é importante abordar as concepções acerca da intersetorialidade, tema ainda pouco discutido no âmbito da educação no Brasil, para que possamos compreender a importância desta estratégia no que se refere à expansão da oferta da EJA com a perspectiva de garantir o direito ao acesso e garantia de continuidade.

2. INTERSETORIALIDADE DA EJA: UMA PERSPECTIVA EM REDE

A Intersetorialidade ainda é um termo pouco explorado na literatura dos estudos em Gestão Pública, em especial na Gestão Educacional. Poucas são as produções acadêmicas voltadas para este tema. Entretanto, documentos que abordam a Educação de Jovens e Adultos trazem esta abordagem na perspectiva da Gestão Pública em EJA.

Dado, a da abordagem proposta, recorremos a uma breve revisão dos conceitos sobre o termo Intersetorialidade,os quais servirão de referência para algumas análises que serão realizadas.

O conceito de intersetorialidade traz no seu bojo a ideia do desenvolvimento de ações que se integram, abrangendo diferentes áreas sociais, rompendo com a visão fragmentada das políticas desenvolvidas pelos governos em diversos âmbitos.

Segundo Demo (2002), intersetorilidade é:

> Uma nova lógica que determina a atuação das organizações municipais, deixando de ser informada pela especialização, pela setorialização e pela autonomização, mas por uma elaboração integrada de saberes e de percepções do homem e de sua realidade social. Isso remete para a questão da complexidade dessa realidade e da necessidade de um conhecimento que dê conta das diversas dimensões que determinam os problemas sociais e sua interação (DEMO, 2002,p.26)

No campo das políticas públicas, segundo Inojosa(2001), a noção de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, termos bastantes conhecido no âmbito da Educação, é o que fundamenta a intersetorialidade.

Desta maneira, entende-se que a intersetorilidade é uma estratégia necessária nas ações governamentais, especificamente, no caso da educação. Daniel Ximenes, diretor de Estudos e Acompanhamentos das Vulnerabilidades Educacionais da SECAD, do Ministério da Educação em 2010, aborda este tema ao pontuar que:

> "A intersetorialidade entre as áreas precisa ser uma prioridade estratégica dos governos....Essa estratégia torna-se ainda mais prioritária quando o assunto é educação: "Se olharmos os motivos da baixa frequência escolar dos alunos, o que é preocupante, pois traz sérios riscos de abandono e evasão escolar, teremos questões como: ausência devido a problemas de saúde; gravidez; trabalho infantil etc. Ou seja, a educação não irá resolver isso. É preciso que a educação se articule e tenha também apoio das outras áreas ". (XIMENES, 2010)".

Ampliando ainda mais a contextualização diante desta perspectiva, Guará (1998, p. 18) traz a abordagem sobre redes intersetoriais o que, segundo ele:

> "são aquelas que articulam o conjunto das organizações governamentais, não governamentais e informais, comunidades, profissionais, serviços, programas sociais, setor privado, bem como as redes setoriais, priorizando o atendimento integral às necessidades dos segmentos vulnerabilizados socialmente". (GUARÁ, 1998)

Diante desta nova perspectiva, vemos neste conjunto de ações uma grande possibilidade de avanço diante do cenário da Educação de Jovens e Adultos. Onde o contexto apresenta sujeitos que foram e são excluídos na sua grande maioria de direitos básicos como saúde, trabalho e educação. Esta proposta de gestão na educação pode iniciar um projeto de inclusão que consolide políticas públicas que garantam o acesso, a permanência e avanços na trajetória de alunos na EJA, pautado na complexidade e diversidade que compõe esta modalidade.

Importante ressaltar que a intersetorialidade não se dá apenas na organização e otimização dos recursos que serão despendidos nas ações, mas na visão do planejamento numa perspectiva de dar maior efetividade às ações realizadas num determinado âmbito social.

Um exemplo desta possibilidade é o projeto desenvolvido pela Prefeitura de Belo Horizonte, denominado BH CIDADANIA, o qual agrega o conceito das ações intersetoriais de forma articulada, buscando promover a inclusão social de pessoas que residem em áreas de grande vulnerabilidade social. Neste processo, estão envolvidas as áreas da cultura, educação, esporte, saúde, abastecimento, Direitos de Cidadania e Assistência Social.

> O BH Cidadania busca como um de seus principais eixos, garantir o direito e o acesso qualificado e resolutivo as políticas públicas sociais e propõe a partir da identificação de problemas que afligem uma determinada população ou grupos populacionais residentes num determinado território romper com a lógica setorial e fragmentada e propor ações intersetoriais na área social e muitas vezes até articular com o setor urbano. O objetivo desta articulação caminha no sentido de qualificar e tornar mais efetivas as ações de promoção e assistência para que de fato se produza uma vida mais digna para esta população. (DIAS, 2003)

Neste contexto, verificamos que ao romper com a fragmentação das ações voltadas a uma determinada área, podemos avançar na implementação de políticas mais efetivas, priorizando o atendimento integral dos sujeitos envolvidos.

Outro ponto a ser considerado, é que as ações intersetoriais variam de acordo com as estruturas organizacionais de cada governo. Porém, como ressalta Inojosa (2001), dada a complexidade da intersetorialidade, este tipo de gestão pode, na maioria das vezes não passar de reuniões de diferentes áreas, num mesmo lugar ou com o mesmo objeto, não avançando para uma gestão cooperativa.

Assim, compreender do que se trata a intersetorialidade, possibilita ações mais eficazes entre setores ou áreas, quando da constituição de políticas públicas para uma determinada população considerada socialmente vulnerável.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS: DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS A DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Ao iniciar o traçado de ideias para a composição do TCC, havia uma questão inicial, algo que realmente me incomodava e fazia mover o meu trabalho como gestora da Educação de Jovens e Adultos: "*Diante do quadro de evasão e fracasso escolar apontado em diferentes pesquisas no campo da EJA, que ações podem ser determinantes para possibilitar a mudança desta realidade?".*

Nesta perspectiva, iniciei um dialogo junto a alguns professores e estudantes jovens e adultos que não freqüentam os bancos escolares da EJA, portanto, com baixa escolarização, de duas comunidades do entorno duas escolas que ofertam a Educação de Jovens e Adultos no município de Canoas.

Nesta primeira abordagem, foi realizada uma pesquisa qualitativa, na qual busquei uma aproximação com os sujeitos, através de questionários. Em dado momento foi necessária a utilização de dados quantitativos para complementar a visão sobre os sujeitos pesquisados. Segundo Minayo (1996), os dados quantitativos e qualitativos podem se complementar em uma pesquisa.

Portanto, neste momento, foram realizadas entrevistas, observações, levantamentos documentais e bibliográficos. Este último, voltado à leitura de pesquisas no campo da EJA relacionadas à evasão e fracasso escolar, o qual me impulsionou ainda mais a pensar na pergunta que tinha como base .

Ao elencar as duas escolas, procurei estabelecer o critério dos índices de evasão e repetência dos alunos que as mesmas apresentavam e a localização em bairros de periferia na cidade. Entendendo ser este um espaço real de demandas públicas e sociais.

Num momento inicial da pesquisa foi realizada a análise de documentos na escola, especificamente cadernos de chamadas e pastas de alunos. Preferencialmente, busquei estudantes com baixa freqüência. Também foram analisados os bancos de dados da escola, onde constava o número de estudantes evadidos e inscritos que não chegaram a freqüentar as aulas. Em visita aos domicílios destes, conversei com um total de 23 pessoas, mas apenas 12 quiseram participar da pesquisa, isto após um tempo de conversa e explicações, deixando claro que não seriam prejudicados por estarem fora da escola.

O instrumento utilizado com os três grupos pesquisados foi um questionário. Os questionários tinham em comum uma parte inicial que possibilitasse traçar um perfil geral, facilitando a análise por idade, sexo e atividade que exerce, no caso dos professores área que atua, formação e carga horária de atividade, sem que precisassem se identificar, buscando garantir maior fidelidade nas respostas evitando assim, constrangimento por parte de alguns alunos e professores. Após, os questionários apresentaram perguntas abertas que admitiam respostas variadas que versavam sobre a especificidade de cada grupo.

Para os alunos que apresentam baixa freqüência nas aulas, foi entregue um questionário aos mesmos (anexo1), onde responderam sobre o motivo de estarem estudando na EJA e das faltas que tem apresentado nas aulas. Com os alunos que ainda estão em processo de alfabetização, os questionários foram aplicados como entrevista, onde eu fazia as perguntas e ia anotando suas respostas. Aos jovens e adultos com baixa escolarização e que estão fora dos bancos escolares, o questionário (anexo 2) focou em três questões que abordaram a série que pararam de estudar, se teriam vontade de voltar a estudar e o que os impedia de retornar. Importante salientar que estes questionários foram aplicados como entrevista, tendo em vista a necessidade de otimizar o tempo que estes estavam disponibilizando e facilitar que respondessem a pesquisa. O questionário destinado aos docentes (anexo 3), foi entregue na sala dos professores e estes retornaram no outro dia, no qual as perguntas eram relacionadas ao acesso dos alunos na EJA, porque os alunos evadem e o que é necessário avançar para garantir o acesso e permanência dos alunos na EJA.

Ao final da pesquisa, ficou por amostragem os questionários com 28 Jovens e Adultos em processo de escolarização e que apresentavam baixa freqüência nas aulas, 12 Jovens e Adultos com baixa escolaridade que estão fora dos bancos escolares e 09 professores que atuam nas duas escolas.

Nos gráficos que seguem, é possível visualizar o perfil dos entrevistados.

3.1 Jovens e adultos em processo de escolarização com baixa frequência nas aulas entrevistados por idade e sexo:

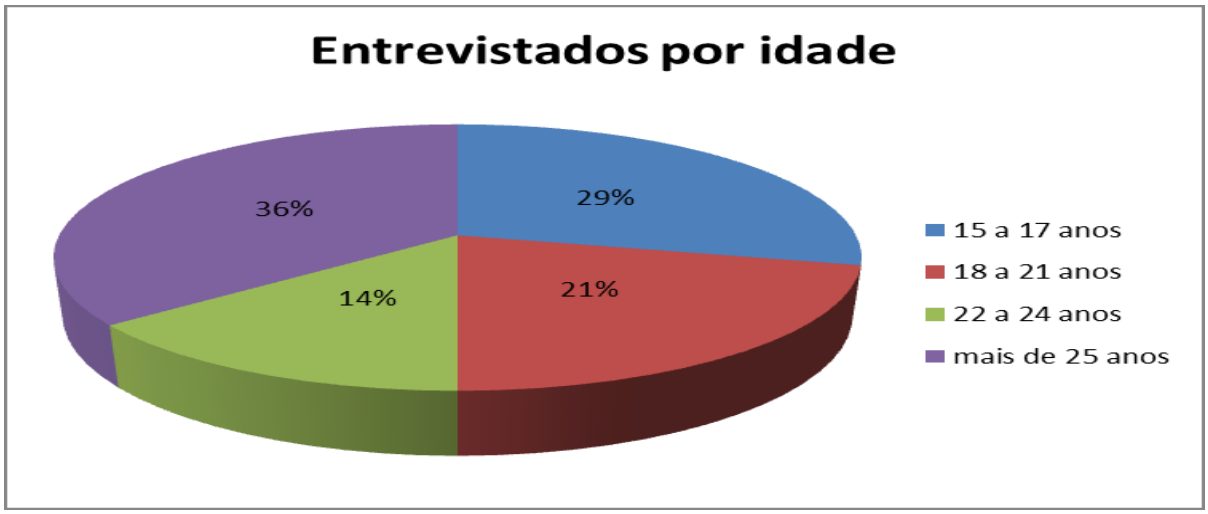


Gráfico 1
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

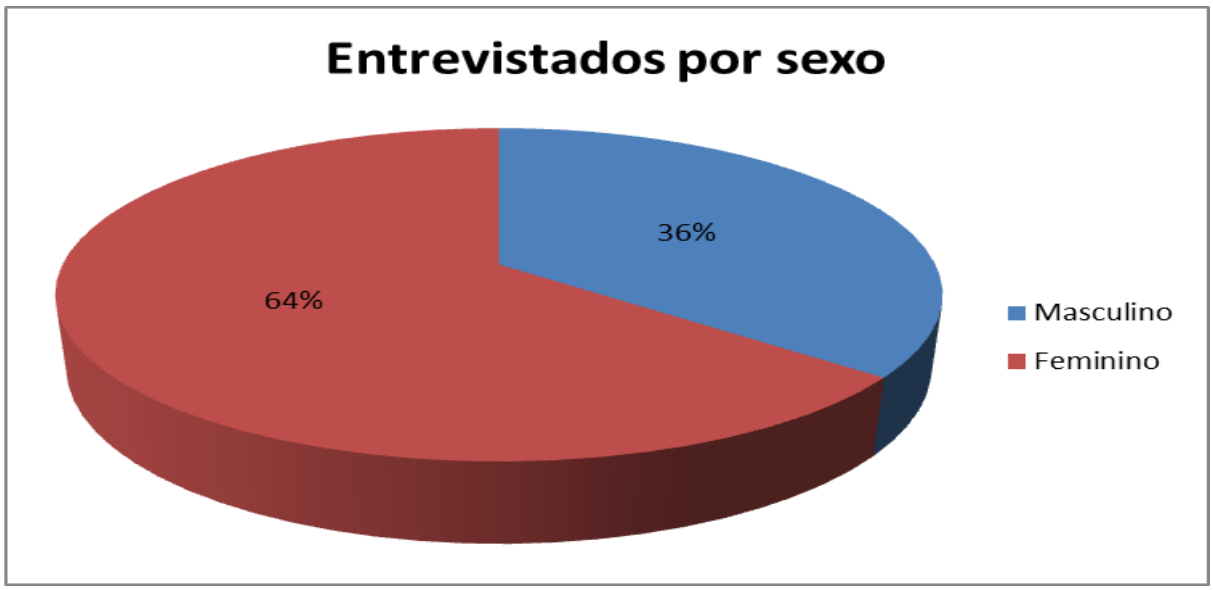


Gráfico 2

Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

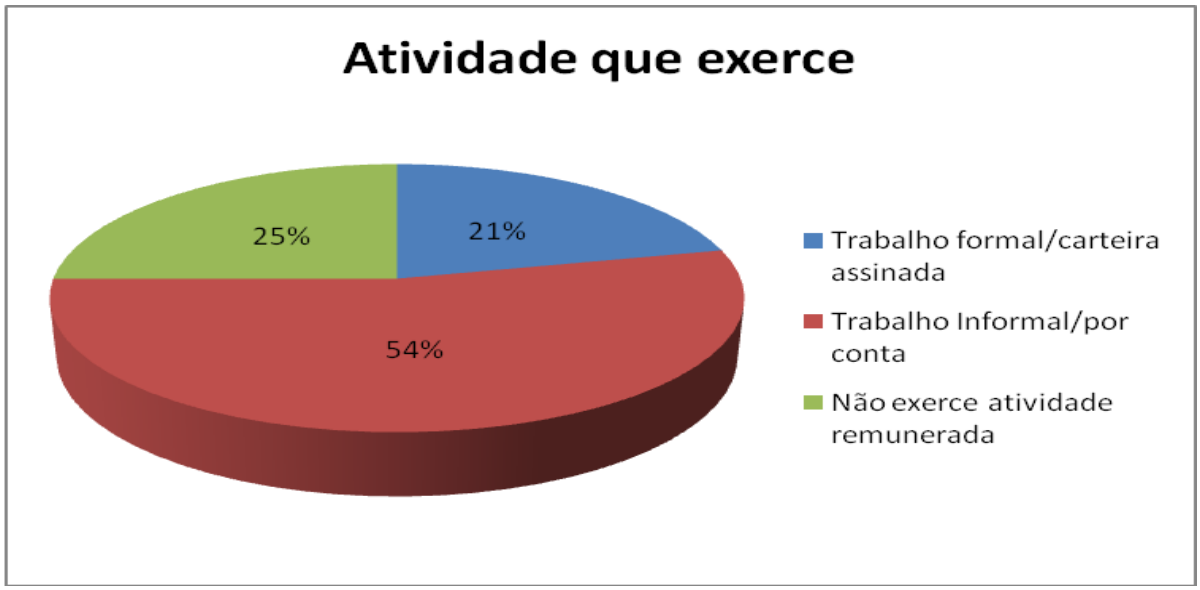


Gráfico 3
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

Nota-se que a grande maioria dos entrevistados nesta categoria são pessoas adultas e mulheres. Dentre eles a maioria exerce um trabalho informal, o que chamam de "trabalhar por conta". Importante destacar o significado de "informal", o qual contrapõe o dito trabalho "formal", onde este último está ligado a legislação no Brasil que caracteriza como formal quando o trabalhador possui carteira de trabalho assinada ou registro de autônomo e ainda se for empregador, ou seja, aquele exercido sobre o regime da CLT (Consolidação das leis de trabalho). O que fica evidenciado nas respostas dos entrevistados quando dizem que trabalham "por conta".

O trabalho não remunerado aparece nas respostas de 25% dos entrevistados, onde estes responderam na pergunta qual atividade que exerce que não trabalhavam. Esta resposta foi dada pela maioria das mulheres que exercem a função de donas de casa, demonstrando que cuidar do lar, não é reconhecido como trabalho nem socialmente e economicamente valorizado.

3.2 Jovens e Adultos com baixa escolaridade que estão fora dos bancos escolares

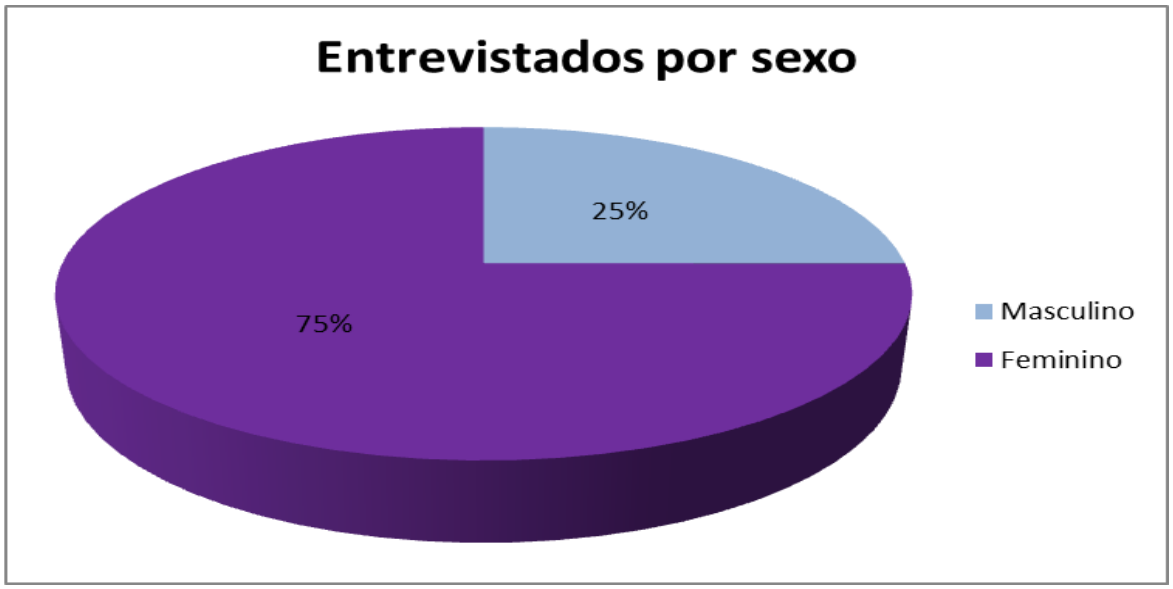


Gráfico 4
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

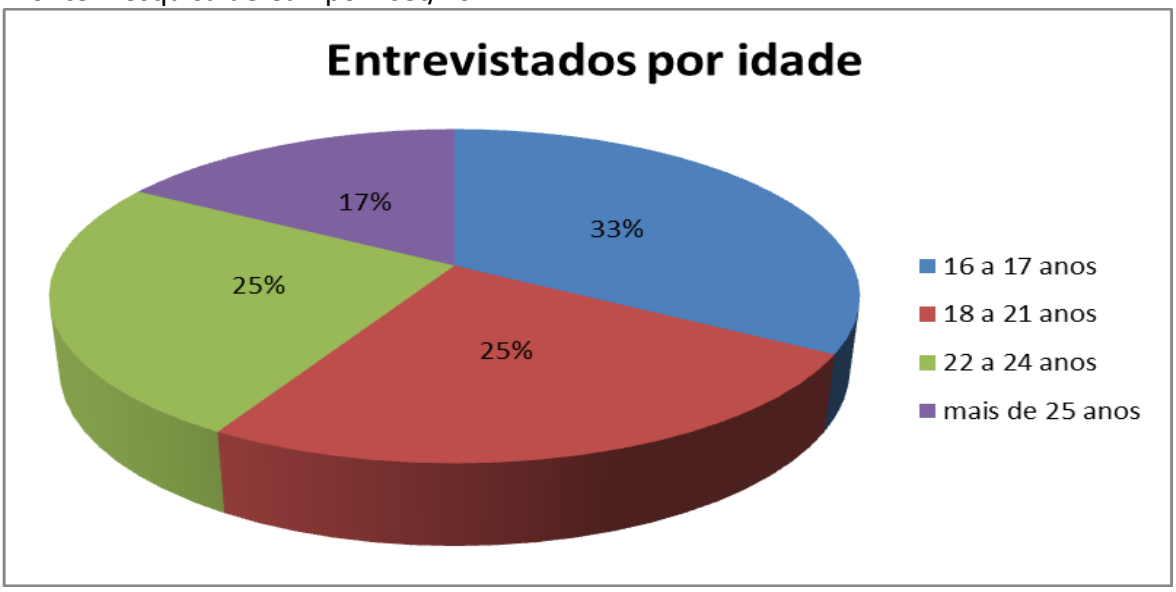


Gráfico 5
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

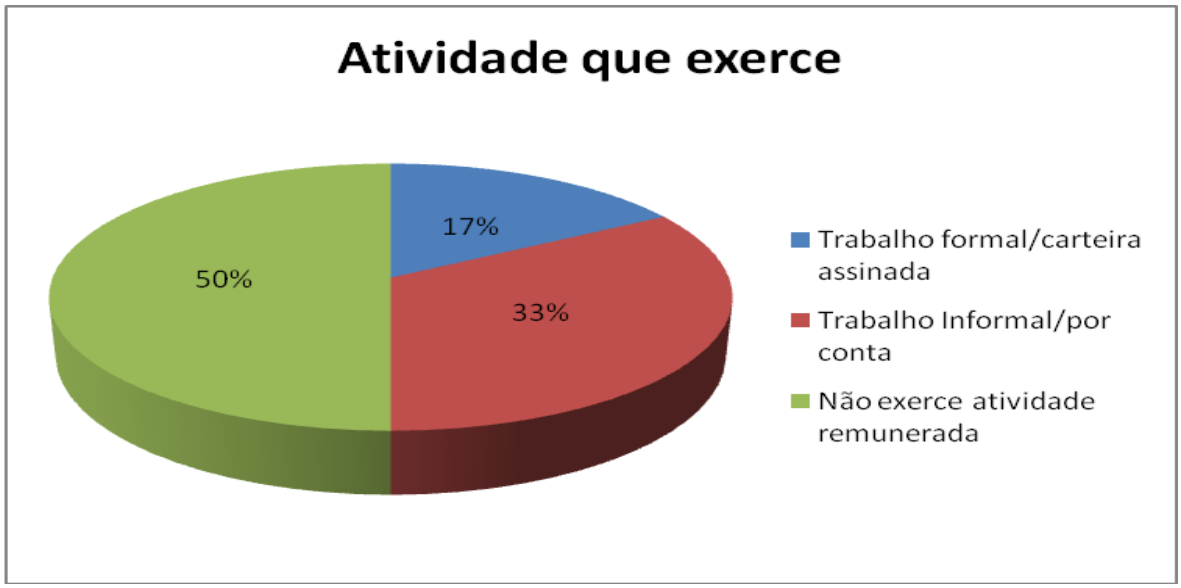
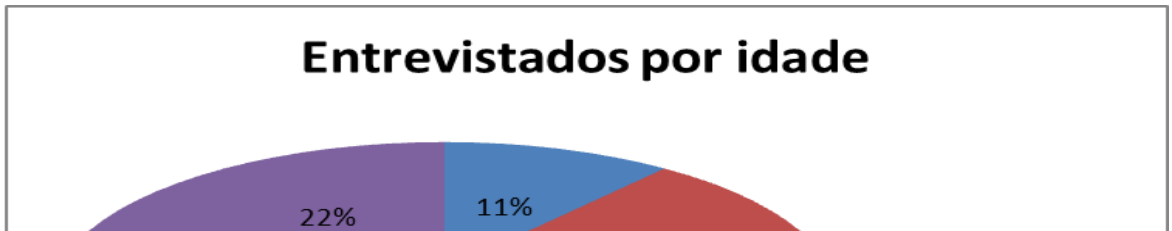


Gráfico 6
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

Neste conjunto de entrevistados, prevalece também um número maior de mulheres fora dos bancos escolares. O que tem sido uma realidade histórica, tendo em vista que a escola não se constitui um espaço de acesso a mulheres, em função do seu papel de cuidadora da família. A maioria dos entrevistados não trabalha fora, sendo o trabalho informal exercido pela maioria, dentre as atividades, que não tem carteira assinada, diarista foi a mais apontada na entrevista. A idade dos entrevistados demonstra um contingente muito jovem que não está na escola apesar da baixa escolarização, que também é apontado em um âmbito maior pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009, a qual aponta que o Brasil tem uma população de 57,7 milhões de pessoas com mais de 18 anos que não estão na escola e não têm o ensino fundamental completo.

3.3 Professores entrevistados que atuam na EJA



]]

Gráfico 7
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

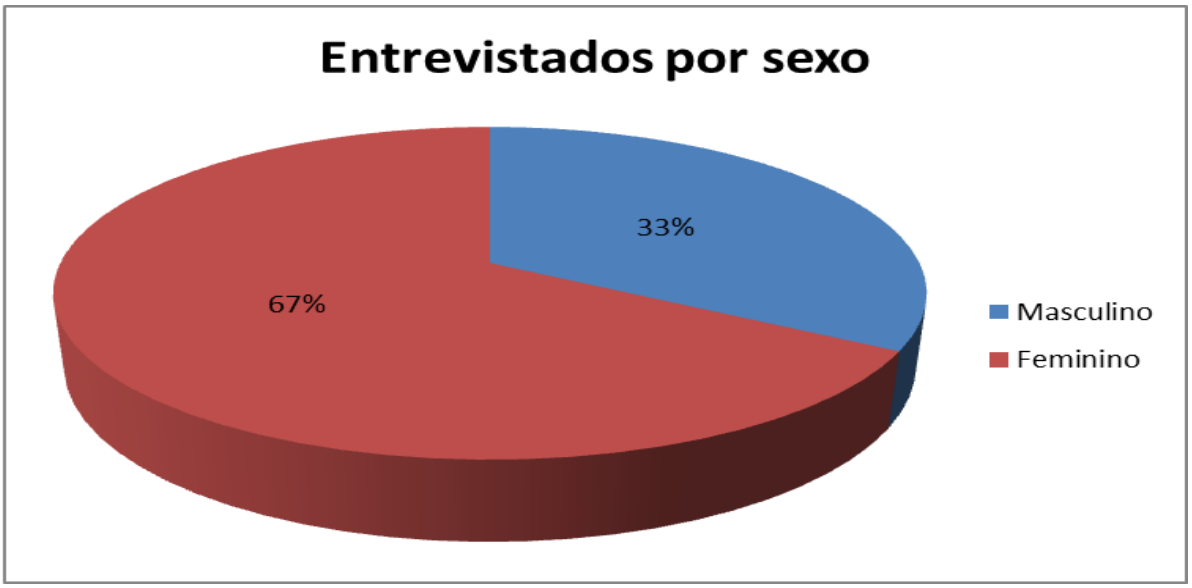


Gráfico 8
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

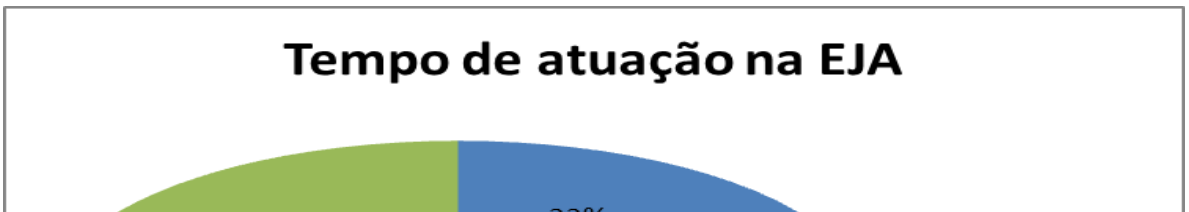


Gráfico 9
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

Nos gráficos acima, temos um perfil dos profissionais que atuam na EJA, sendo que, a maioria tem mais de 40 anos e atuam mais de 5 anos nesta modalidade, o que caracteriza uma baixa rotatividade dos profissionais que trabalham com os jovens e adultos e um grupo experiente nesta etapa da educação básica. Ainda é possível verificar que as maiorias dos docentes são mulheres, característica geral no universo da docência em todas as etapas da educação, reafirmando a “feminização do magistério” (CHAMON, 2006).

4. ANALISANDO QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS

4.1. Alunos matriculados na EJA com baixa frequência: o desafio da permanência

O gráfico abaixo apresenta os dados referentes às causas que os alunos apontam para terem uma baixa freqüência nas aulas, os quais nos revelam que as questões de gênero e de sobrevivência estão presentes nas realidades deste público. Sendo assim, 30% dos sujeitos entrevistados apontam como motivo das faltas, a necessidade de cuidar dos filhos e 26% tem, no cansaço, um impeditivo.

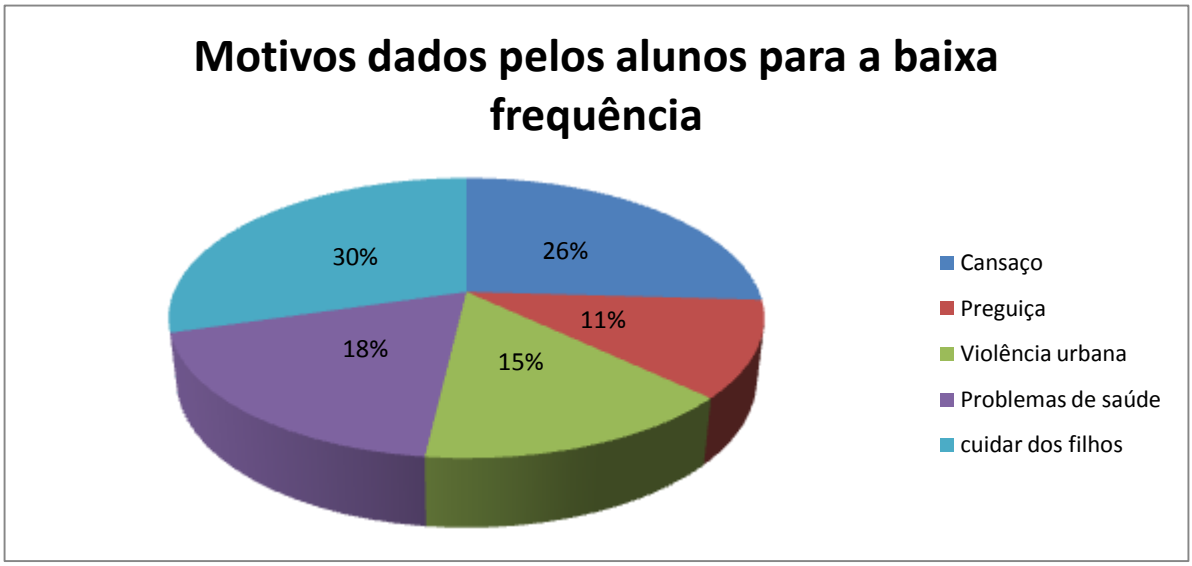


Gráfico 10 Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

O "cuidar dos filhos", "não ter com quem deixá-los", é a causa apontada pela maioria das mulheres. Em pesquisas sobre trabalho domiciliar e desigualdade de gênero (ABOIM, 2012; BRITO, 2001), foi identificado que todas as mulheres pesquisadas sonhavam ter estudado mais, ter uma vida melhor, um trabalho melhor, ganhar mais dinheiro e que estas foram impedidas de estudar por questões familiares, dentre elas a necessidade de cuidar dos filhos, fator este que também foi identificado na pesquisa que realizei. Em suas falas, fica claro o quanto estas trazem para si a responsabilidade do cuidado dos filhos:

> Saio cedo pra trabalhar, lá dizem que tenho que estudar, mas me largam às seis horas da tarde e ainda tenho que vir pra casa atender os filhos antes de vir pra aula. Sem falar que vou e fico pensando neles, pois ficam sozinhos enquanto estudo. (Entrevistada F1, *grifo meu*)

> Meu filho é pequeno e é perigoso deixar sozinho de noite. Eu pago a minha vizinha para cuidar, mas às vezes ela falha. (Entrevistada F2, *grifo meu*)

Foi possível perceber que o **cansaço** aliado a outras situações que dificultam a aprendizagem, também se apresenta como uma das principais causas do número excessivo de faltas dos entrevistados.

> Já chego tarde do serviço, cansado, penso duas vezes e depois tenho um pouco de dificuldade de enxergar. Já tentei usar óculos, mas é caro.. Tu não vai num dia, nem no outro e acaba que desanima. (Entrevistado M1, *grifo meu*)
>
> Saio de casa as cinco da matina. Na hora da aula morro de sono, fica tudo embaralhado. (Entrevistado M2, *grifo meu)*

Os estudantes mais jovens justificam suas faltas abordando a realidade que os rodeia, perfazendo um caminho que vai desde a preguiça até as múltiplas faces em que se apresenta a violência urbana. Os adolescentes são bem incisivos nas suas falas ao trazerem suas dificuldades de chegar até a escola, quando dizem:

> Até chegar na escola tem muita rua, daí penso em tudo que vou fazer na escola e acabo ficando na esquina. E tens uns rolos lá também por causa de uma mina, preciso ficar me cuidando. (Entrevistado M3)
>
> Às vezes é preguiça. Outras vezes é para namorar. Também faltei por causa de briga na rua. (Entrevistado M4)

Outra situação que observamos na fala de alguns alunos mais jovens foi a "denúncia" da troca de turno do dia para a noite quando questionados porque estão estudando na EJA, como nos relata F5 (16 anos) ao responder que "não tinha vaga no dia", pois a escola coloca os menores e que ela repetiu três vezes por causa da Matemática e ficou "atrasada". Diante do exposto, fica evidente a necessidade urgente de se pensar em uma política pública que não permita a "expulsão" destes alunos de um espaço que lhes é de direito.

Podemos ver com clareza nas respostas da maioria dos entrevistados que apesar de muitos terem presente a importância da escola, não conseguem organizar seus tempos para garantir a freqüência às aulas, ou seja, ao mesmo tempo em que o trabalho, por exemplo, é uma motivação para o estudo, é também uma causa da infrequência.

A vontade de seguir estudando, aparece em vários momentos das falas e de diversas formas, porém, esta fala também apresenta muitos obstáculos a serem superados para que este desejo se concretize. A entrevistada F3, sugere esta realidade:

> Olha *tô* pensando em para de vez. Já é terceira vez que começo e não termino. Quando não é um filho com problema, é o marido, é tiroteio na rua. Vai que desanima. Eu não queria largar, agora ta mais fácil de terminar, se eu não faltar termino este ano ainda". (Entrevistada F3)

Neste contexto, podemos perceber que muitas das causas que os levam a ter baixa freqüência nas aulas estão para além dos muros da escola, apontando para um olhar necessário e urgente das situações [1]cotidianas vividas por estes alunos, percebendo-se quais possibilidades reais de acesso a eles são oferecidas.

4.2. Jovens e Adultos da comunidade com baixa escolaridade e que estão fora da escola

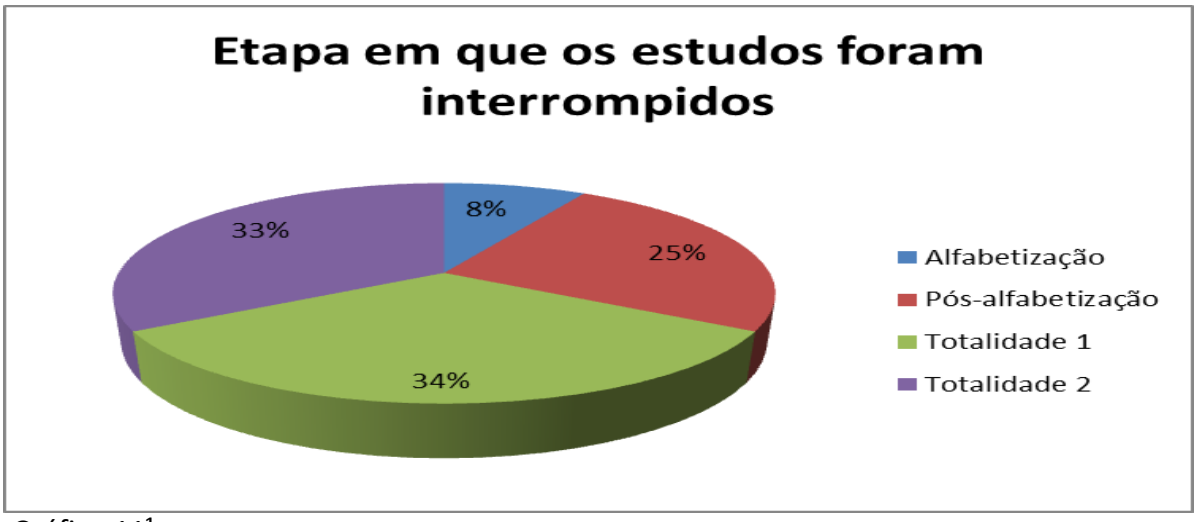
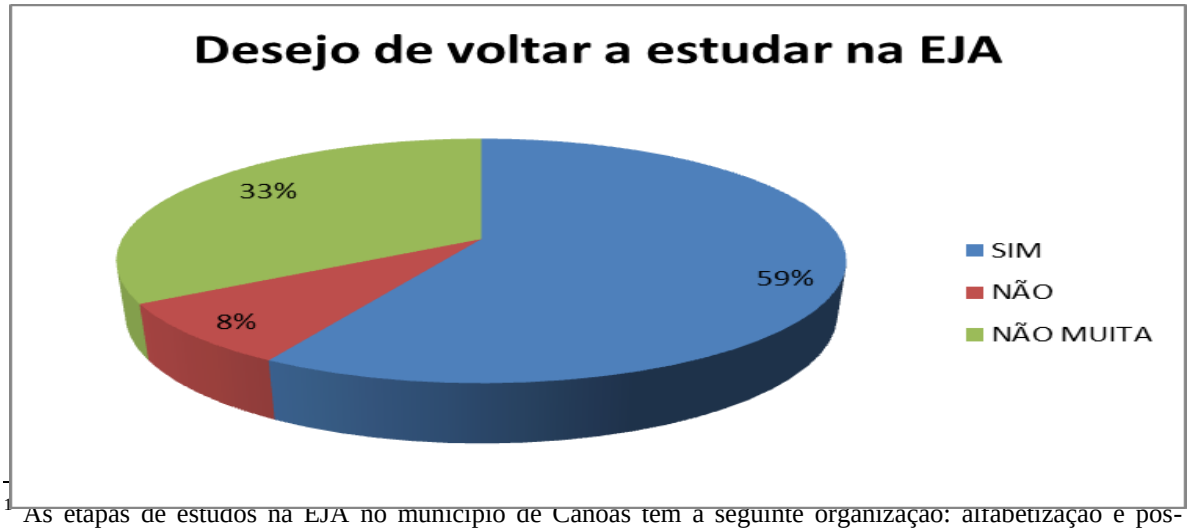


Gráfico 11[1]
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011



[1] As etapas de estudos na EJA no município de Canoas tem a seguinte organização: alfabetização e pós-alfabetização correspondem aos anos iniciais com carga horária mínima de 1400h e totalidades 1e 2 correspondem aos anos finais com carga horária mínima de 1600h.

Gráfico 12 Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

Em relação à etapa de estudos em que os estudos foram interrompidos, percebe-se que os entrevistados, na sua maioria, concluíram a primeira etapa da escolarização do Ensino Fundamental (anos iniciais), sendo que, a maioria, mulheres, abandonou os bancos escolares em função do casamento, família e da chegada dos filhos. O que é relatado por F4 (17 anos) a qual diz ter parado de estudar quando engravidou e que depois do nascimento do filho não voltou mais. Diz que chegou a se matricular novamente, mas não pode ir à aula. A questão da família fica ainda mais evidente quando F5 (24 anos) relata que parou de estudar para trabalhar e que com a chegada do filho, quando ela tinha 19 anos, ficou mais difícil. No momento da entrevista, F5 estava grávida, no 3º mês de gestação, de seu segundo filho. O que supostamente, será mais uma vez o impeditivo de retornar aos estudos, apesar da afirmação de ter desejo de retornar aos estudos.

Neste contexto apresentado pelas entrevistas realizadas, ficam evidentes as tensões entre, "público" e "privado" nas relações de gênero, apontadas por Sofia Aboim (2012). Segundo a autora, estes tensionamentos traduzem vários processos da sociedade na modernidade ocidental, onde a separação entre público e privado serviu, também, para separar homens e mulheres, suas funções e lugares na sociedade. É possível perceber que mesmo sem uma percepção mais densa sobre o assunto, as entrevistadas mulheres colocam-se no lugar de cuidar da família (privado), ficando a escola (público) como um espaço que não é para elas enquanto não der conta do seu papel fundamental, o de mãe e esposa. Nestas relações que se estabelecem é que são construídas as desigualdades de gênero, onde existe uma separação quase que óbvia ao olhar da sociedade como um todo, entre o papel do homem e da mulher em relação à família. Esta separação fica muito evidente nos gráficos a seguir:

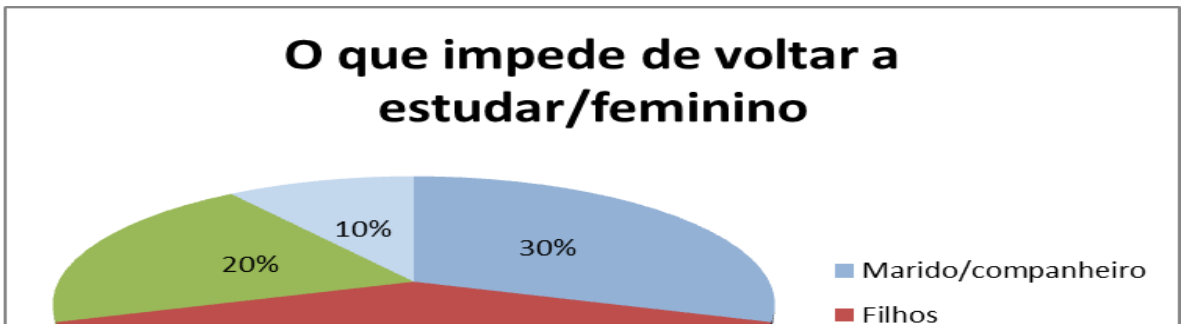


Gráfico 13
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

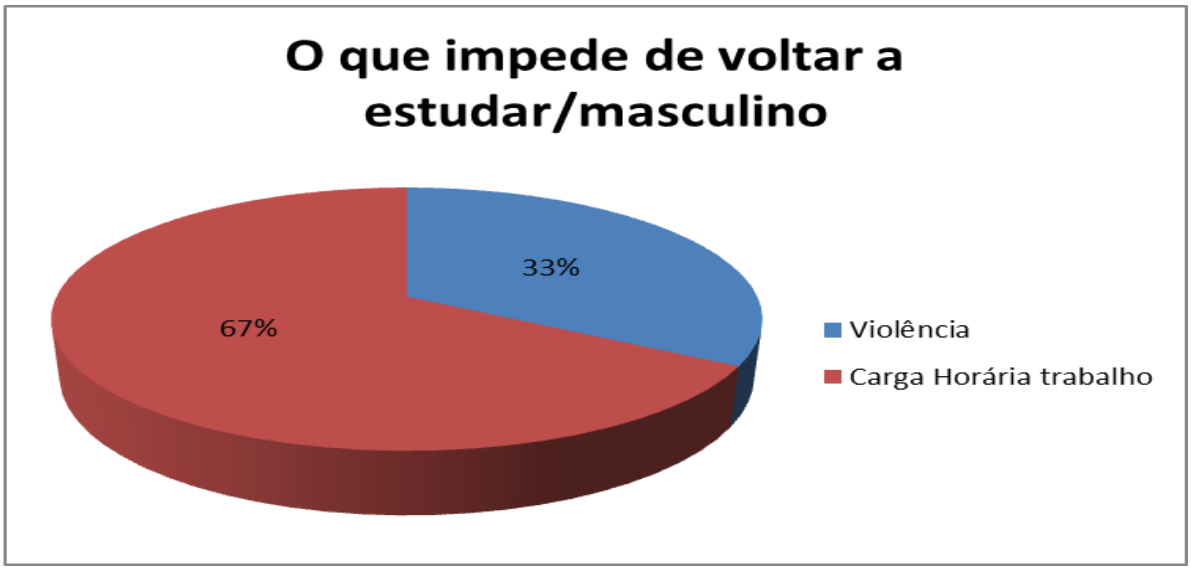


Gráfico 14
Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

Nas entrevistas realizadas com as pessoas da comunidade que apresentam baixa escolaridade e que não estão estudando, percebe-se que os fatores que os impedem de retomar seus estudos, estão vinculados diretamente à sua vida pessoal, estreitamente relacionado à sua condição social. Em especial, se compararmos os motivos das mulheres e homens, fica evidente, que estes estão mais diretamente ligados ao papel que cada um exerce na sociedade, por gênero.

Na fala de F6 (23 anos), ficam explícitas as dificuldades que encontra:

> Já tentei voltar, mas a escola é longe e sair à noite e depois voltar aqui pra vila é muito perigoso e minha sogra não pode mais cuidar meus filhos. Mas faz falta, muita falta. Fazer o que. A vida é assim. (Entrevistada F6)

Ainda no relato de F7 (24 anos) o que a impede de voltar a estudar é o "Ovídio" (seu companheiro). Relatou na entrevista que ele é muito ciumento e está sempre "atrás dela". Mas acredita que isto vai passar. Fica explícita neste caso, a intervenção masculina como um impeditivo, traduzindo a sociedade patriarcal que ainda prevalece na atualidade. Entretanto, fica claro que as mulheres sabem da sua condição e acreditam que podem conquistar seus espaços. Segundo Brito (2001, p.296), "certamente, a vida de muitas mulheres se constrói no espaço doméstico, mas este fato não pode ser entendido como sinônimo de isolamento e/ou conservadorismo".

Em comparação, os três homens entrevistados que estão fora da escola, não apontam a família como um impeditivo, mas a carga horária do trabalho, apontada por dois entrevistados, e a violência urbana.

Percebe-se diante da análise qualitativa e quantitativa destes dados apresentados, que este grupo de pessoas faz parte de um contingente social que não tem acesso à escola devido às grandes dificuldades econômicas e sociais, dentre elas, as relações de gênero que são muito evidentes neste grupo. Mesmo diante da afirmação positiva do desejo de voltar a estudar, expresso pela maioria destes sujeitos, não temos a certeza que voltarão, pois segundo Lacan, (apud PAULA, 2010) somente aquele que arrisca a vida, deseja efetivamente. E, para além do desejo e do correr risco estão as possibilidades.

4.3. O que pensam os professores?

Ao conversar com os professores de duas escolas municipais de Canoas (RS), os mesmos afirmam que o acesso das pessoas com baixa escolarização à EJA, ainda é muito aquém do desejado e que suas necessidades e vivências, são pouco consideradas. Salientam que a matrícula na EJA não pode ter um tempo específico, tampouco ser igual à

do ensino fundamental. Entendem que os horários das aulas também dificultam o acesso, bem como a rotina dos alunos trabalhadores (sejam as donas de casa ou os demais). Segundo uma professora que atua há 8 (oito) anos na EJA, “uma mãe que não tem onde deixar seus filhos a noite, nem vai tentar estudar, o acesso a escola passa também pela possibilidade delas terem onde deixar seus filhos com segurança” (Professora 1).

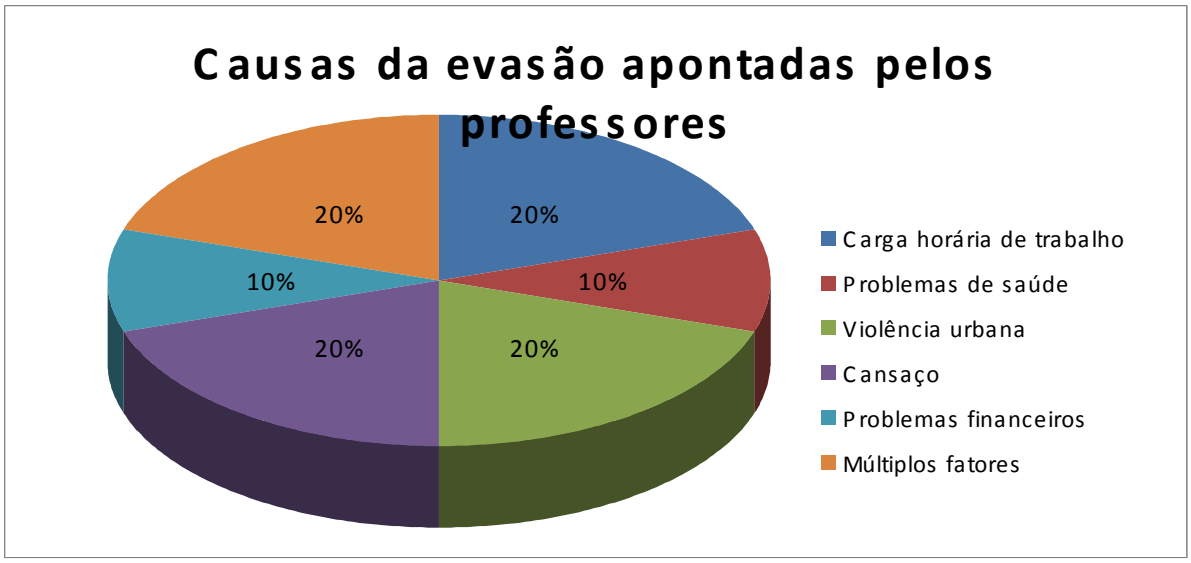


Gráfico 15 Fonte: Pesquisa de Campo – set/2011

Além do fator econômico, a violência urbana, os problemas de saúde, a carga horária excessiva de trabalho e o cansaço são apontados como as principais causas da evasão na Educação de Jovens e Adultos, fatores não muito distantes das causas apontadas pelos próprios estudantes. Na fala desta professora, aparece uma declaração sobre estas múltiplas causas quando diz: “São alunos que carregam muitas situações de vida que os impedem de frequentar esta escola dita ‘para todos’. O trabalho, a saúde, cuidado com a família e violência são as causas mais conhecidas da nossa realidade.” (Professora 2)

Para a maioria dos professores, a evasão será sempre uma realidade da EJA e quando questionados sobre como diminuir os índices, são praticamente unânimes ao afirmar que as políticas públicas devem considerar a especificidade da EJA e garantir ações conjuntas com o fazer pedagógico para ampliar as possibilidades de acesso e permanência

dos alunos. O que fica bem claro no depoimento deste professor, que se traduz em um desabafo:

> Já mudamos nossa forma de organização curricular. A forma de trabalhar os conceitos está bem mais próxima da realidade, mas precisamos ir além e só a escola não vai dar conta, precisamos de ajuda de outros setores. Para a juventude e especial, não adianta só a escola. (Professor 3)

Na fala de outro professor foi possível perceber uma angústia, quando diz que se sente sozinho na luta pela permanência dos alunos na escola. Declarou: "Como convencer os alunos da importância de estudar se os atravessamentos muitas vezes que dificultam sua vinda à escola, está fora da escola?" (Professor 4)

Ao relatar estas impossibilidades e assumir não saber o que fazer diante destes atravessamentos, os professores apresentam o grande abismo existente entre a realidade na Educação de Jovens e Adultos e a constituição de políticas voltadas para esta modalidade. São muitas as pesquisas desenvolvidas buscando discutir as causas que impedem o aluno jovem ou adulto a prosseguir seus estudos, mesmo tendo retornado aos bancos escolares. Haddad (2002), ao analisar pesquisas relacionadas à EJA, nos bancos de teses das principais universidades do país, aponta que a evasão, juntamente com a repetência, são fenômenos generalizados e explicados pela inadequação de estudo apropriada, de modelos pedagógicos e de metodologias que não atendem às reais necessidades dos adultos trabalhadores.

Nesta pesquisa que realizei, percebe-se que nem para os alunos e tampouco para os profissionais que atuam na EJA, a causa está ligada diretamente a estes fatores, mas sim a problemas de caráter mais social e que extrapolam o fazer pedagógico e as práticas escolares. Ficou constatado, em uma pesquisa realizada em 2009 sobre evasão escolar no PROEJA (UNED-JATAÍ), que para 83.3% dos respondentes, a maior dificuldade do curso foi "conciliar trabalho e estudo" e 16.6% mencionaram a dificuldade na aprendizagem das disciplinas. Veja-se que estes dados não excluem a necessidade de que os modelos pedagógicos e as práticas sejam diferenciadas na EJA, porém, são apontadas questões que ultrapassam esta demanda.

Entretanto, identificar ações que possibilitem romper com este estigma de evasão e abandono dos alunos da EJA, pessoalizando as causas, ainda é um tema que não tem

apresentado muitos avanços no campo de estudos desta modalidade. Diante deste cenário, surge a indagação: que políticas públicas são necessárias para possibilitar que estes Jovens e Adultos tenham acesso e sucesso para concluírem sua escolarização?

5. AÇÕES INTERSETORIAIS: UMA PERSCPECTIVA DE MUDANÇA NO CENÁRIO

Existe uma grande necessidade de entendermos como a escola, a sociedade e o poder público podem agir diante da evasão na EJA. Sendo a evasão escolar um fator de grande preocupação e que historicamente tem feito parte das reflexões e discussões no âmbito da oferta da EJA, é uma premissa pensar em políticas públicas que considerem as diferentes causas e que implementadas devem contar com uma rede que dê condições da escola utilizar mais instrumentos que garantam o acesso, a permanência e avanço destes alunos.

Neste contexto, vale aqui apontar algumas ações realizadas em escolas e espaços educativos no município de Canoas, as quais têm sido propostas como alternativas para ampliar o acesso e a permanência dos alunos jovens e adultos na EJA, diante da necessidade de políticas intersetoriais.

5.1 Uma Escola no Guajuviras e a segurança pública

Citada na pesquisa realizada, a violência na escola e no entorno, tem sido um fator de abandono na EJA e de infrequência de alguns alunos. Por muitos anos, esta foi uma questão presente na oferta da EJA em uma escola municipal de Canoas. Eram comuns, as brigas dentro e na frente da escola. Estas culminavam por espantar alguns alunos e gerar

medo em muitos, além da marca que e cristalizava nos estudantes que cometiam tais atos. A fim de buscar garantir segurança na escola, possibilitando que os alunos permanecessem, a mesma iniciou um trabalho em conjunto com a Secretaria de Segurança Pública. Segundo a diretora [2]da escola na época: "Não é com a ideia de punir, mas de prevenir e pacificar".

No ano de 2011, tornou-se comum a presença da Guarda escolar, porém, não mais para intervir em ocorrências de violência, mas para diferentes atividades: palestras, conversas no portão e durante o recreio, esclarecimentos sobre segurança, uso de drogas, convívio, dentre outros. Certa vez, dois alunos da escola se agrediram violentamente, deixando colegas e professores com muito medo, visto que estes ficaram ameaçando matar um ao outro. Este fato despertou uma grande preocupação na comunidade escolar, tendo em vista que esta era uma realidade bem presente no bairro: jovens em disputas de espaços e homicídios por conta disto. Segundo Zaluar (2006), homens entre 15 e 25 anos no estado do Rio de Janeiro são a maioria no coeficiente de vítimas de morte violenta, o que não é diferente neste bairro onde fica localizada a escola.

É costume, em muitas escolas a "expulsão" (mesmo que com outros nomes) destes estudantes, tendo em vista que muitas vezes não são encontradas alternativas viáveis para tais questões. Entretanto, devido a uma ação em rede, onde segurança pública e escola se uniram para resolver o problema, cada instituição com sua especificidade e papel, foi possível o retorno dos alunos à escola e estes concluíram o ensino fundamental em 2011.

> Em reunião com o GGIM [Gabinete de Gestão Integrada Municipal][2] , falei do que havia acontecido na escola, o que foi ratificado pela guarda que nos atendeu. Falei da minha preocupação dos alunos ficarem sem a escola, mas que eu não teria outra alternativa. Foi então, que propuseram que este caso fosse levado a justiça comunitária e iniciamos as tratativas de atendimento a estes alunos. Após duas audiências em que ambos estiveram presentes, situação em que a escola foi a interlocutora com alunos da importância destes resolverem seus problemas de forma mais tranqüila e civilizada e poderem retornar a escola, enfatizando que era este nosso desejo, s dois entraram em um acordo, voltaram a estudar na escola e finalizaram seus estudos. O melhor de tudo, é que não evadiram. Resultado de um trabalho conjunto. (Depoimento da Diretora da escola)

[2] O Gabinete de Gestão Integrada Municipal (GGIM), faz parte de uma política pública do município de Canoas que integra diferentes órgãos da segurança e entidades voltados a discussão permanente das ações em segurança.

O que a professora chama de “trabalho conjunto”, podemos compreender como uma ação intersetorial, onde mais de um órgão do governo, pensou estratégias de como solucionar a situação de forma coletiva. E, principalmente, pelo fato de cada área envolvida agir de acordo com a especificidade do papel que cada uma exerce neste processo.

5.2 Uma turma só de mulheres: tempo e espaço de construção

Na realização da pesquisa, foi possível observar que os alunos participantes são na maioria mulheres. Dentre tantas causas destacadas como justificativas para a infrequência, evasão ou para estarem fora dos bancos escolares, a dificuldades de freqüentar as aulas noturnas é citada nas falas das mesmas, em especial, aquelas que têm muitos filhos e não tem um trabalho formal.

A oferta da EJA na rede municipal de Canoas é noturna, o que chamou a atenção da Coordenadoria das Mulheres, que acenou para a necessidade de ser ofertada uma turma de 2º segmento da EJA para elas, durante o dia. O objetivo foi atender àquelas que não têm condições de sair à noite (por proibição, medo ou tarefas como o cuidado dos filhos). Nesta perspectiva, a Secretaria de Educação e a Coordenadoria das Mulheres passaram a discutir propostas que viabilizassem a oferta. Em formato de “mutirão”, envolvendo as duas instâncias, foi iniciada a visita aos espaços que atuam com mulheres no bairro Guajuviras como, por exemplo, o Projeto “Mulheres em Construção”, o “Centro de Referência em Assistência Social” e o Programa “Mulheres da PAZ”. Nestes encontros foi divulgada a proposta da turma e também foram ouvidas as mulheres interessadas em voltar a estudar, as quais puderam relatar, de que forma este espaço de aprendizagem possibilitaria este retorno. As falas das mulheres consolidaram a necessidade da oferta da EJA durante o dia, já apontada pela Coordenadoria das Mulheres. A Coordenadoria

responsabilizou-se por prover um espaço, o qual foi cedido pela Associação de Moradores do bairro, bem como com o mapeamento da escolaridade das mulheres. A Secretaria da Educação comprometeu-se com a oferta do 2º segmento, incluindo uma formação em informática, com um projeto denominado "EJA CIDADÃ", atendendo inicialmente 28 mulheres.

De acordo com o Professor Alexandre Rafael da Rosa, gestor da Unidade de EJA na Secretaria de Educação do município de Canoas, esta turma foi organizada na perspectiva da função social e identitária da EJA:

> A EJA tem entre suas funções a reparação de injustiças históricas que tiraram a possibilidade de milhões de brasileiros estudarem na época adequada. Diria que, em relação às mulheres, uma dupla reparação, em virtude da também histórica discriminação por gênero. Essa é a importância da EJA Educação Cidadã voltada para as mulheres. Cumprir uma função de caráter social, oportunizando a essas mulheres - mães, companheiras, trabalhadoras, cidadãs - o resgate da autoestima e o preparo para a vida, já forjada em suas experiências pessoais, com a conclusão do ensino fundamental.

No decorrer do processo, a turma foi ganhando espaços em diferentes contextos da cidade, através da participação em atividades diversificadas como: encontros, palestras, teatro, feiras e campanhas. Através destas vivências e da contextualização com as experiências cotidianas das mulheres, o currículo foi sendo desenhado e o resultado foi um número reduzido de evasões. Em novembro de 2011, ainda freqüentavam a turma 23 mulheres (das 28 ingressantes), que entusiasmadas, demonstravam a alegria de concluir o ensino fundamental.

> Ter aula na EJA a tarde é um sonho. Eu já tinha começado a estudar na noite três vezes, mas nunca conseguia concluir por causa dos filhos, marido e até pra sair à noite é brabo. Mas agora estou concluindo. É um sonho. Muita coisa mudou em minha vida este ano desde que comecei a estudar aqui. Aprendi não só os conteúdos normais. Aprendi a ler o mundo como diz a professora. Agradeço a oportunidade. (Estudante da turma, 36 anos)

As ações conjuntas que possibilitaram a constituição desta turma para mulheres, caracterizam uma ação intersetorial. Contudo, ainda é necessário constituir esta ação como política pública para mulheres, sendo o acesso à Educação um direito Universal que lhes foi negado durante muitos anos, como conta a história oficial.

5.3. Alfabetização de Adultos: enxergar faz a diferença.

A questão da baixa visão é uma das causas da evasão e de dificuldades na aprendizagem nas turmas de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. No município de Canoas, em 2010, segundo dados da Unidade EJA da Secretaria Municipal de Educação, os 215 (duzentos e quinze) alunos matriculados nesta etapa, 56% apresentavam dificuldade em enxergar.

Ao identificar estas dificuldades, a Secretaria de Educação, buscou junto a Secretaria Municipal de Saúde, alternativas de atendimento para estes alunos. As primeiras tratativas foram referentes à adesão do Munícipio ao Projeto Olhar Brasil. Este projeto constitui-se em uma ação emergencial dos Ministérios da Saúde e Educação com o intuito de realizar uma triagem para mapear as dificuldades de visão dos alunos do Programa Brasil Alfabetizado e posteriormente a garantia de consultas oftalmológicas e se necessário o fornecimento de óculos. Entretanto, esta política não estava aberta ao município de Canoas por estar vinculada a uma adesão estadual, a qual não foi realizada.

A partir desta constatação, a Secretaria da Saúde do município, procurou alternativa interna de atendimento aos alunos que apresentavam a dificuldade de enxergar, disponibilizando uma agenda com um especialista para atendê-los. Contudo, ainda seria necessária a confecção dos óculos para aqueles que necessitassem. O município disponibiliza, através da Secretaria Municipal de Assistência Social, a confecção dos óculos, porém foi verificado que seria um processo muito demorado. Foi então que a Secretaria de Educação recorreu à parceria privada e às Organizações Não-Governamentais locais, para viabilizar a confecção dos óculos.

A coordenadora das turmas de Alfabetização da Unidade de Educação de Jovens e Adultos aponta esta iniciativa como um caminho que foi traçado coletivamente e obteve resultados significativos aos alunos alfabetizandos da EJA e do Programa Brasil Alfabetizado:

> Através de uma ação conjunta de vários parceiros, com a coordenação da Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Saúde, foram

> realizados exames de verificação de acuidade visual com 80 jovens, adultos e idosos que fazem parte das turmas de Alfabetização da EJA da rede municipal e do Programa Brasil Alfabetizado, e posteriormente distribuídos gratuitamente óculos aos que deles necessitavam. A entrega dos óculos foi realizada em duas etapas, uma em junho e a outra em julho, oportunizando que todos os indicados pelas professoras pudessem se beneficiar desta ação,com a maior brevidade possível. Com a participação de todos foi possível um auxílio importante no processo de alfabetização destes alunos, os quais terão uma oportunidade a mais de realizarem o sonho de aprender a ler e escrever, sem o impedimento visual que interfere diretamente no sucesso de suas aprendizagens. (Site da Prefeitura Municipal de Canoas)

Esta ação realizada, não configurou uma ação intersetorial em relação às políticas públicas. Foi necessário sair do âmbito Público e buscar parcerias fora deste contexto, devido a precariedade de uma política definida neste sentido e pela morosidade dos processos no setor público. Entretanto, cabe ressaltar a atividade conjunta das ações das duas secretarias municipais envolvidas, as quais buscaram alternativas que possibilitassem que a ação fosse realizada.

No contexto destas ações realizadas com o público da Educação de Jovens e Adultos, percebe-se que estas ainda são pontuais em relação ao atendimento das demandas da EJA. Estas atitudes se originaram de demandas imediatas, não configurando um planejamento destas, como política pública para a Educação de Jovens e Adultos no referido município. Entretanto, ao constituir este processo, se inicia uma demarcação de possibilidades que surgem como proposta para mudanças no cenário da evasão e fracasso na EJA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou elementos para pensar nas causas da evasão de Jovens e Adultos na EJA e das causas que impedem os indivíduos que não concluíram o ensino fundamental de voltar aos bancos escolares. Contudo, a observação empírica desta realidade, nos remeteu para além de detectar causas que repetidamente vem sendo apontadas nos âmbitos das pesquisas. Nas análises das falas, foi possível vislumbrar ações que atendem a premissa da oferta da Educação de Jovens e Adultos e que mesmo de forma imediata, quando realizadas na concepção de rede social, aonde as estratégias vão se delineando no contexto da necessidade real deste público, podem garantir a igualdade de acesso e permanência.

Percebemos ao longo deste estudo, a urgência de constituirmos ações em políticas públicas para esta modalidade, tanto na esfera municipal quanto estadual e federal. Estas ações precisam atender ao conjunto de direitos e a especificidade destes sujeitos que já foram e continuam sendo excluídos.

Diante das situações relatadas, não podemos deixar de destacar o quanto as relações de gênero e da vulnerabilidade social, impedem o acesso e permanência destes alunos. Sendo as mulheres o maior contingente entrevistado e por sua expressão, mesmo que de forma pouco analítica, sobre ainda assumirem funções no âmbito do “privado” na relação entre masculino e feminino em nossa sociedade, é recorrente a necessidade de ações especificas e conjuntas para atender especificamente a mulher que quer voltar aos bancos escolares porque estas, muitas vezes, têm este desejo. A violência urbana, outro entrave no acesso e permanência destes sujeitos, deve ser pensada no contexto da educação com ações específicas de prevenção, reconhecimento de direitos e representatividade nas relações da educação e violência, bem como na mudança de patamar assumido pela Polícia na escola e ao seu redor.

Estas e outras diferentes causas que tem afastado nossos jovens e adultos da escola, devem servir para definir a articulação de diferentes setores no intuito de planejamento de políticas efetivas para a garantia de direitos. Ações intersetoriais, pensadas e planejadas no contexto da EJA são imprescindíveis.

Evidentemente que as ações aqui relatadas, realizadas no município de Canoas-RS, ainda não dão conta da diversidade que compõe a EJA. Porém, servem de representação de que é possível pensar em ações que venham somar à trajetória de lutas na Educação de Jovens e Adultos.

Certezas de como delinear este caminho, ainda estão distantes neste processo, porém, não há como negar que existe uma direção, um horizonte, uma esperança e esta está nas diferentes formas de pensar uma Educação para todos apontando para uma nova concepção na constituição de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOIM, Sofia. **Do público e do Privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 20(1): 344, janeiro-abril/2012.

ARROYO, M. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, p.19-50.

BRASIL, MEC, SECAD. **Documento Base Desafios para a Educação de Jovens e Adultos**, 2008.

BRITO, Maria N.C**. Gênero e Cidadania: Referenciais Analíticos**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis. Ano 9, 2001.

CHAMON, Magda. **Trajetória de Feminização do Magistério e a (Con) Formação das identidades profissionais.** Fundação Mineira de Educação e Cultura – Universidade FUMEC. Disponível em: http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_1/trajetoria_de_feminizacao.pdf.Acesso em maio de 2012.

DEMO, Pedro**. Política Social, educação e cidadania**. 5. ed. São Paulo: Papirus, 2002.

DIAS, M.A .S. **Intersetorialidade: Um olhar da Saúde.** Revista Saúde Digital, n. 23.Disponívelem:http://www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/saudedigital/novembro2003/intersetorialidade.html. Acesso em janeiro de 2012.

GUARÁ, et al **Gestão Municipal dos serviços de atenção à criança e ao adolescente.** São Paulo: IEE/PUC - SP; Brasília: SAS/MPAS,1998. *Núcleo de Estudos da Família Criança e Adolescente da UEPG - Ponta Grossa/Pr 2001. Disponível em http://www.uepg.br/nupes/intersetor.htm Acesso em janeiro de 2012.

IBGE (ed.). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** - PNAD de 2007/Educação, p.12.

_____, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** - PNAD de 2009/Educação,

p.55.

INOJOSA, R. M. **Sinergia em políticas e serviços públicos: desenvolvimento social com intersetorialidade**. In: Cadernos Fundap, n.22,2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

ANEXOS

ANEXO 1 – INSTRUMENTO PARA ENTREVISTA COM ALUNOS INFREQÜENTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

PESQUISA COM ALUNOS INFREQUENTES NA EJA:

Idade: _____

Sexo: _____

Atividade que exerce:_____

Carga horária:_____

Porque estás estudando na EJA?_____

_____

_____

_____

Porque tens faltando tanto às aulas? _____

_____

_____

ANEXO 2 – INSTRUMENTO PARA ENTREVISTA COM JOVENS E ADULTOS DA COMUNIDADE QUE NÃO FREQÜENTAM A ESCOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

PESQUISA COM PESSOAS ACIMA DE 15 ANOS QUE NÃO ESTUDAM:

Idade: _____

Sexo: _____

Atividade que exerce:_____

Carga horária:_____

Em que série paraste de estudar?_____

_____

_____

_____

Tens vontade de voltar a estudar? _____

_____

_____

O que te impede de voltar a estudar?_____

_____

_____

ANEXO 3 – INSTRUMENTO PARA ENTREVISTA PROFESSORES E GESTORES DA EJA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

PESQUISA COM PROFESSORES E GESTORES DA EJA:

Idade: _____

Sexo: _____

Área de atuação na EJA: _____

Formação: _____

Carga horária de trabalho: _____

Há quanto tempo trabalhas na EJA?_____

Como vês o acesso dos alunos na EJA?

_____

_____

_____

_____

Porque os alunos evadem?_____

_____

_____

O que é necessário para avançar na garantia do acesso e permanência dos alunos na EJA?

_____

_____

_____

_____